

## Repertórios, Vínculos e Desenvolvimento: A Experiência de Vivências

### Musicais em Família

#### Comunicação

#### GTE08 – Educação Musical na Infância

Fabiane Araujo Chaves

*Universidade Estadual do Rio Grande do Sul*

Fabiane-chaves@uergs.edu.br

*Cristina Rolim Wolffenbüttel*

*Universidade Estadual do Rio Grande do Sul*

*cristina-wolffenbuttel@uergs.edu.br*

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma síntese da pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), cujo objetivo central foi investigar os efeitos das vivências musicais no desenvolvimento de bebês de zero a dois anos, a partir dos relatos das famílias. Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa se desenvolveu em interseção com um projeto de extensão universitária que promoveu experiências musicais síncronas e assíncronas, durante o contexto de isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Os resultados evidenciam que as práticas musicais contribuíram significativamente para o desenvolvimento sensorio-motor, a ampliação do repertório musical familiar, além de fortalecer vínculos afetivos entre bebês e suas famílias.

**Palavras-chave:** bebês; música; desenvolvimento infantil.

### Introdução

O interesse em investigar os efeitos da música sobre o desenvolvimento infantil tem se intensificado nas últimas décadas, sobretudo quando direcionado à primeira infância. A música, como linguagem simbólica e forma de expressão cultural, integra-se às práticas cotidianas de famílias e instituições educativas. No entanto, estudos específicos que foquem nas vivências musicais com bebês ainda são escassos, sobretudo no Brasil.

Trabalhos como o de Oliveira et al. (2006) discorrem que a música é importante desde a gestação para que a construção da personalidade da criança e sua formação de comportamento social e, por isso, salientam a importância de proporcionar “vivências em um

ambiente que propicie a sensibilização musical” (p. 740). Essas práticas podem iniciar durante a gestação e acompanhar os bebês após o nascimento.

Mesmo sem estar ciente de todos os benefícios, é recorrente que as mães cantem para os seus bebês. Este cantar, que muitas vezes acontece desde a gestação, é fonte direta de comunicação com o bebê, pois “a voz materna é o único estímulo sonoro propagado no útero com pouca ou nenhuma atenuação de intensidade, pois sua transmissão ocorre duplamente, tanto pelo ar (externamente), quanto pelas estruturas do corpo da mãe (internamente)” (Parizzi; Rodrigues, 2020, p. 19).

A pesquisa aqui apresentada se propôs a suprir parte dessa lacuna, articulando teorias do desenvolvimento infantil, especialmente a perspectiva construtivista de Piaget, à prática musical mediada por educadores e familiares tendo o seguinte objetivo geral: investigar os efeitos das vivências musicais no desenvolvimento dos bebês, considerando os relatos de suas famílias. Para atingi-lo, foram definidos objetivos específicos: Conhecer o repertório musical utilizado pelas famílias nas interações com os bebês; descrever os comportamentos apresentados pelos bebês durante e após as vivências musicais; identificar momentos da rotina familiar em que as experiências musicais ocorrem; verificar quais comportamentos infantis se destacaram como indicativos de desenvolvimento; e, compreender como as vivências musicais podem estreitar vínculos familiares.

## Fundamentação Teórica

A pesquisa teve como base a Epistemologia Genética de Jean Piaget, que compreende o desenvolvimento infantil como um processo ativo de construção do conhecimento. O período sensório-motor (0 a 2 anos) foi o foco principal, pois, segundo Piaget, é quando se desenvolvem as reações circulares primárias, secundárias e terciárias — etapas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, motor e social (Legendre, 2018).

Conforme Piaget, o conhecimento não é fruto exclusivo do sujeito nem apenas do objeto, mas sim resultado de uma interação dinâmica e construtiva entre ambos. Para o autor, o desenvolvimento psíquico tem início no nascimento e, assim como ocorre com o desenvolvimento físico, prossegue até a vida adulta, avançando continuamente em direção a

um estado de equilíbrio, o qual se caracteriza por estar em constante processo de equilibração progressiva (Piaget, 2019).

Para que esse processo se efetive, é essencial que exista tanto a ação do indivíduo sobre a realidade — o que envolve a assimilação dos objetos aos seus esquemas e estruturas mentais e de ação — quanto a influência do ambiente externo sobre o sujeito, promovendo a acomodação de seus esquemas em função das características dos objetos (Legendre, 2018, p. 342). Assim, a perspectiva piagetiana destaca que a pessoa não apenas absorve informações do meio de forma passiva, mas, ao contrário, constrói de forma ativa novas estruturas cognitivas, revisando e reorganizando continuamente seus conhecimentos.

Complementarmente, autores como Ilari (2002), Maffioletti (2012, 2014), Gordon (2015) e Pecker (2017) contribuíram para fundamentar a relevância da educação musical desde os primeiros meses de vida. Esses estudos indicam que a música pode estimular habilidades perceptivas, favorecer a aquisição de linguagem, além de promover experiências emocionais que reforçam o vínculo entre cuidadores e bebês.

Ao abordar o processo de aprendizagem musical, Maffioletti (2012) destaca que a música estabelece um vínculo afetivo essencial, capaz de dar significado à existência em todas as fases da vida. Para a autora, o bebê já consegue perceber a voz da mãe ainda durante a gestação e, após nascer, passa a escutar sons do ambiente, sendo capaz de armazenar essas experiências em sua memória. Assim, a musicalidade se revela como uma característica marcante do ser humano desde muito cedo. Segundo Maffioletti, logo que vem ao mundo, o bebê demonstra interesse pelas melodias que reconhece do período intrauterino, sendo naturalmente atraído pela entonação da voz e pelo ritmo da fala — uma inclinação espontânea observada em praticamente todas as culturas (Maffioletti, 2012).

Pecker (2017) observa que por muito tempo as relações entre bebês e música receberam pouca atenção de pesquisadores, mas destaca que alguns fatores contribuíram para uma mudança desse cenário, estimulando novos estudos na área de educação musical voltada à primeira infância.

Nessa trajetória, um nome de grande relevância é Gordon, reconhecido internacionalmente por suas contribuições ao estudo da aprendizagem musical de recém-nascidos e crianças pequenas. Com mais de duas décadas dedicadas a pesquisar e ensinar

música a bebês e crianças até três anos de idade, suas reflexões oferecem importantes subsídios para práticas pedagógicas musicais.

Gordon (2015) ressalta que nos primeiros oito meses de vida a criança está especialmente receptiva para aproveitar experiências musicais, sendo fundamental que receba estímulos musicais no ambiente familiar. O autor reforça a importância de que pais, cuidadores e pessoas próximas proporcionem vivências musicais significativas, aproveitando o potencial de aprendizado que essa fase oferece.

A dimensão afetiva, tão presente na relação mãe-bebê, também foi considerada, uma vez que o canto materno, as canções de ninar e outras práticas sonoras permeiam os primeiros contatos do bebê com o mundo. A literatura destaca que a voz humana, especialmente a voz da mãe, é um estímulo sonoro privilegiado durante e após a gestação (Ilari, 2002; Parizzi; Rodrigues, 2020).

Diante do que foi apresentado, fica evidente a relevância da educação musical também para a primeira infância, incluindo bebês muito pequenos. Diversos pesquisadores, como Jaber (2012), Parizzi e Rodrigues (2020) e Carvalho e Justo (2021), reforçam a ideia de que o feto já é capaz de perceber sons ainda durante a gestação. Além disso, há um consenso de que quanto mais precocemente forem oferecidos estímulos sonoros, por meio de práticas musicais, maiores serão os benefícios para o desenvolvimento infantil. Vale destacar ainda que estudiosas como Ilari trouxeram importantes contribuições sobre o tema em suas investigações. Contudo, por já terem sido contempladas na revisão de literatura, optou-se por não as retomar detalhadamente no corpo do referencial teórico.

## Metodologia

Esta pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, com método documental, apoiada na análise de conteúdo proposta por Moraes (1999). Os dados foram obtidos a partir de documentos gerados pelo Projeto “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”, realizado por uma equipe de estudantes da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul em 2020-2021. Devido ao contexto da pandemia de COVID-19, todas as vivências musicais foram mediadas virtualmente, abrangendo bebês de diferentes regiões do país.

O trabalho teve como participantes nove famílias, com bebês de zero a dois anos, participaram das atividades síncronas (via Google Meet) e assíncronas (com envio de vídeos e kits de musicalização). As famílias também participaram de entrevistas semiestruturadas e preencheram formulários relatando suas percepções, as quais foram transcritas e o material resultante foi utilizado para a análise dos dados. Além disso, utilizou-se como materiais de análises as conversas de interação contínua com as famílias, bem como as respostas destas nos formulários elaborados para relatarem sobre as vivências realizadas em casa.

O material coletado foi organizado e dividido em categorias, as quais incluíram: “A família e a música”, “Práticas musicais em família”, “Repertório musical dos bebês”, “Momentos das vivências musicais” e “Comportamentos dos bebês”.

## Resultados e análise

Os resultados apontaram múltiplos benefícios das vivências musicais para o desenvolvimento infantil, corroborando a literatura existente. A ampliação do repertório musical familiar foi identificada a partir dos relatos, evidenciando que, além das canções tradicionais de ninar, os bebês foram expostos a músicas diversas, ampliando o repertório musical doméstico. Mães, pais e irmãos participaram ativamente, cantando, tocando instrumentos e criando momentos lúdicos. Gordon (2015) denomina o período que vai do nascimento até aproximadamente os dois a quatro anos de idade como fase de aculturação. De acordo com o autor, assim como acontece com o desenvolvimento da linguagem — em que a criança amplia seu vocabulário e suas habilidades de comunicação por meio da escuta e da diferenciação de sons —, ocorre um processo semelhante com a música. Nesse estágio, os pequenos têm contato constante com as manifestações musicais de sua cultura e, dessa forma, conseguem estruturar seus balbucios e movimentos musicais a partir dos sons que percebem ao seu redor (Gordon, 2015). Por isso, é recomendável que o estímulo musical comece desde cedo, favorecendo um desenvolvimento mais rico e precoce nesse sentido.

No que se refere aos comportamentos observados nos bebês, foi possível identificar comportamentos alinhados às reações sensorio-motoras descritas por Piaget. Bebês apresentaram reações circulares primárias (descoberta do próprio corpo e sons), secundárias

(interação com objetos sonoros) e terciárias (variação de movimentos para explorar novos sons) (Bee; Boyd, 2011).

Em relação aos momentos das práticas musicais, as famílias relataram que as vivências com música foram inseridas em momentos de rotina como banho, alimentação, hora de dormir e brincadeiras. O caráter intencional desses momentos fortaleceu o vínculo afetivo e proporcionou estímulos ricos para o desenvolvimento global dos bebês. A repetição é um fator essencial para que os bebês interajam com o ambiente, pois permite que eles assimilem novas informações, gerando desequilíbrios que impulsionam outras aprendizagens e favorecem o desenvolvimento contínuo. Piaget (2019) chama atenção para a chamada inteligência prática, que se manifesta antes do surgimento da linguagem verbal, por volta dos dezoito meses, no estágio sensório-motor. De acordo com o autor, trata-se de uma forma de inteligência voltada para a manipulação de objetos, na qual a criança recorre a percepções e movimentos organizados em “esquemas de ação”, em vez de usar palavras ou conceitos (Piaget, 2019).

O fortalecimento dos vínculos foi um dos aspectos mais citados foi a percepção das famílias de que as práticas musicais fortaleceram o laço emocional entre pais e filhos, criando momentos de interação de qualidade, mesmo em um contexto de isolamento social. Maffioletti (2012) destaca que a música exerce um papel fundamental ao estabelecer um elo afetivo que dá significado à existência em todas as fases da vida. A autora aponta que o bebê já é capaz de perceber a voz da mãe durante a gestação e, depois de nascer, passa a ouvir os sons do ambiente ao seu redor, sendo apto a armazená-los em sua memória. Para a autora, a musicalidade é uma característica inerente ao ser humano, perceptível desde os primeiros momentos de vida. Assim que nasce, o bebê demonstra preferência pelas melodias que reconhece do período intrauterino, mostrando interesse espontâneo pela entonação da voz e pelo ritmo da fala — uma tendência presente em praticamente todas as culturas (Maffioletti, 2012).

Além destas contribuições teóricas, por se tratar de um programa de Mestrado Profissional, alguns produtos educacionais foram resultantes da pesquisa, tais como: um espaço no site de educação musical com materiais pedagógicos, um e-book relatando as Vivências Musicais para Bebês e Famílias, e-book Propostas de Vivências Musicais Para Bebês

e Crianças Pequenas, cursos assíncronos e colóquios virtuais sobre a temática “O Bebê e a Música”, ampliando o impacto social e acadêmico do projeto.

## Considerações Finais

A pesquisa reafirma o potencial da música como mediadora do desenvolvimento integral do bebê. A análise dos relatos das famílias demonstrou que as vivências musicais não apenas incentivaram aspectos sensório-motores, cognitivos e socioemocionais, mas também atuaram como agente importante para o fortalecimento de vínculos afetivos. Em tempos de distanciamento social, a música mostrou-se uma ponte de conexão, proporcionando momentos de alegria, aprendizagem e cuidado mútuo.

Ademais, os produtos educacionais gerados pelo projeto evidenciam o compromisso com a democratização do acesso ao conhecimento, contribuindo para a formação continuada de profissionais da Educação Básica e para o empoderamento das famílias.

Acredita-se que pesquisas como esta, que articulam universidade, extensão e comunidade, possam inspirar novas práticas pedagógicas, sobretudo na Educação Infantil, onde o potencial transformador da música ainda pode ser mais explorado. Recomenda-se a ampliação de estudos sobre o tema, considerando diferentes contextos culturais e socioeconômicos.

## Referências

BEE, Helen; BOYD, Denise. *A criança em desenvolvimento*. Trad. Cristina Monteiro. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CARVALHO, Eduarda; JUSTO, João. *O Bebê e a Voz Materna: A Primeira Sonata Opus Uterus*. São Paulo: Instituto Langage, 2021.

GORDON, Edwin E.. *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

ILARI, Beatriz Senoi. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, v. 7, p. 83 – 90. 2002. Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/435>. Acesso em: 10 jul. 2025..

JABER, Maíra dos Santos. Como o estímulo musical é percebido e estruturado pelo organismo humano do pré-natal ao segundo ano de vida pós natal – resultados parciais de uma pesquisa em andamento. *Anais do II Simpom*. Pág. 500 – 512, 2012. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/2471/1800>. Acesso em: 10 jul. 2025.

LEGENDRE, Marie-Françoise. Jean Piaget e o construtivismo na educação. In.: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. *A pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias*. 3ª ed. Vozes, Petrópolis/RJ: 2018.

MAFFIOLETTI, Leda. O que se aprende com a Música? In: ICLE, Gilberto (Org.) *Pedagogia da Arte: entre lugares da escola*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. v. 2. Disponível em: [https://www.academia.edu/34784025/2012\\_O\\_que\\_se\\_aprende\\_com\\_a\\_M%C3%BAsica\\_pdf](https://www.academia.edu/34784025/2012_O_que_se_aprende_com_a_M%C3%BAsica_pdf) Acesso em: 10 jul. 2025.

MAFFIOLETTI, Leda. A música e as primeiras aprendizagens da criança. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues e ALBUQUERQUE, Simone. (Orgs) *A implementação do PROINFÂNCIA no Rio Grande do Sul*. Perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/34784237/2014\\_A\\_m%C3%BAsica\\_e\\_as\\_primeiras\\_aprendizagens\\_da\\_crian%C3%A7a\\_pdf](https://www.academia.edu/34784237/2014_A_m%C3%BAsica_e_as_primeiras_aprendizagens_da_crian%C3%A7a_pdf). Acesso em: 10 jul. 2025.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37. 1999. Disponível em: <http://pesquisaemeducaoufrgs.pbworks.com/w/file/fetch/60815562/Analise%20de%20conte%C3%BAdo.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.

OLIVEIRA, Danilo Cesar Guanais de et al. A criança e a música: as implicações da música no desenvolvimento intelectual e emotivo infantil entre zero e dois anos. *Anais*. XV Encontro Anual da ABEM. João Pessoa: 2006. Página: 740 – 742. Disponível em: [http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM\\_2006.pdf](http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2006.pdf). Acesso em: 10 jul. 2025.

PARIZZI, Betânia; RODRIGUES, Helena. *O Bebê e a Música*. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

PECKER, Paula Cavagni. *A prática percussiva de bebês: análise microgenética e reflexões pedagógicas*. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017. 142 f. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47985>. Acesso em: 10 jul. 2025.



Educação Musical, Mundo do Trabalho  
e a Construção de uma Sociedade Democrática

Curitiba | 03 a 07 de novembro

2025

PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

